

Jacqueline Morais, presente entre afetos e formação

Jacqueline Morais, present among affects and teachers training

Mairce Araújo; Tiago Ribeiro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Instituto Nacional de Educação de Surdos;

Uma introdução (ou apresentando afetos e memórias)

Este texto, em forma de ensaio-memória, retoma uma menagem anterior, publicada na Revista *Aleph*, e se apresenta, ineditamente, como uma singela homenagem a uma professora, pesquisadora e amiga que fez da tessitura de redes de amizade e formação docente seu modo de vida. Jacqueline Morais, nossa querida amiga, encontrou na educação e na docência uma forma de militância apaixonada pelo direito de acesso de todxs e qualquer umx ao saber e ao sabor do conhecimento, da literatura, da arte, da poesia, do cinema... Enfim, a uma formação que convida a espichar modos de ver, ser, saber, conhecer, estar, habitar o mundo... E indagar a si mesmx!

Por muitos e muitos anos estivemos juntxs na lide da pesquisa, nos desafios da sala de aula, nos encantamentos da formação docente, como colega ou como estudante, na educação básica e no ensino superior. Tantas caminhadas compartilhadas... Jacqueline, para nós Jack, transitou da alfabetização de crianças à formação de futurxs professorxs alfabetizadorxs.

E, num dia de céu azul tilitante e sol ardente, sábado, 12 de outubro de 2019, dia da Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, a santa preta encontrada pelos pescadores no meio do rio, e também Dia das Crianças, essas de quem Jack sempre esteve perto, ela, uma professora da infância, como também gostava de se apresentar, se despediu de nós, foi morar onde moram as estrelas, como dizem xs poetas... Foi pintar de branco o céu das Quebradas e montanhas desta nossa América Latina, tão amada e tão querida por essa professora tecelã!

Em uma primeira homenagem (entre muitas outras), menos de um mês depois de sua despedida, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na 43ª edição do Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita

de São Gonçalo, FALE/SG, projeto por ela criado em parceria com Mairce, uma das autoras deste texto, em 2009, não poderíamos deixar de escolher um título mais representativo das ações e dos compromissos éticos, políticos, estéticos, investigativo-formativos aos quais Jack se dedicou a vida inteira que não fosse a imagem da Professora Tecelã: “Jacqueline Moraes: uma professora tecelã”.

“Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.”

Assim como a moça tecelã de Marina Colassanti, livro que leu não sabemos quantas vezes, para quantas turmas de Alfabetização do Curso de Pedagogia, nos Cursos de Pós-graduação Lato Sensu em Gestão da Escola Básica e no Mestrado em Educação: processos formativos e desigualdades sociais ou mesmo nos Cursos de Formação Continuada pelo Brasil afora... ou ainda para as turmas dxs pequenxs, nos anos iniciais no CapUERJ e em tantos outros espaços, que não sabemos precisar, Jack lia, escrevia, pesquisava, tecia: tecer é tudo o que sabia, tecer é tudo o que queria fazer.

Tecia amizades, afetos, indagações, estranhamentos, perguntas, assombros, embelezamentos, redes, aprendizagens, esperanças... Jack tecia horizontes possíveis, porque nunca estava só em suas tessituras. Suas andanças e ações sempre foram recheadas de gente, grávidas de amigxs... Ações na amizade, entre amigxs, e entre todxs... A ela importava o estar junto, fazer, pensar, exercitar uma certa forma de irreverência do pensamento, do corpo, da palavra, da voz.

No filme que assistia, na exposição que visitava, na peça de teatro que analisava, nos livros que lia, nas conversas que puxava com as pessoas de diferentes países pelos quais viajava, nos pequenos vídeos que fazia sobre os eventos cotidianos, tendo Walter Benjamin como companheiro favorito, buscava selecionar “os fios teóricos” que melhor lhe possibilitasse tecer uma compreensão sobre o cotidiano escolar, a prática alfabetizadora, a formação docente, a América Latina, o Brasil, a política, a sociedade, enfim, a vida. Gostava... e como gostava, de buscar explicações, causas e compreensões das coisas, mas, teimosa como só uma indisciplinada do pensamento poderia ser, logo inquietava-se com as explicações, causas e compreensões tecidas... Para Jacqueline, o tecer era *tecendo*: seguir conversando, encontrando, partilhando, pensando em comunidades de atenção, indagação, formação... E nessas relações de afetos intercambiados e emocionalidades

problematizadoras vividas, fazermo-nos outrxs de nós mesmxs, ressignificando nossa própria vida e nosso próprio estar sendo no mundo.

“As lembranças são como salteadores, e nos surpreendem sem aviso prévio pelo caminho”, nos dizia, junto com Guilherme Prado, seu um dia orientador de doutorado e desde sempre amigo querido, na página 144 do artigo *Inventário – organizando os achados de uma pesquisa*, publicado em 2011, no qual, após defenderem o inventário como uma opção metodológica de organização de dados de pesquisa, terminam concluindo que “talvez inventariar materiais de pesquisa seja, de certo modo, fazer um inventário de nós mesmos”. (p.154).

Sim, Jack bem nos lembrava de que ninguém sai incólume de uma pesquisa em que está o outro com sua fala, sua voz, sua experiência, sua biografia, seus medos, anseios, desejos, esperanças, sonhos, lutas... No encontro/confronto com o outro e suas palavras e contra-palavras, também ficamos diante de nós mesmxs, de nossos preconceitos, limitações, potencialidades, desejos...

E por que inventariar? “Inventariar o passado é um procedimento estratégico importante para os grupos que lutam pela *(re)existência*. Quando se quer contar uma história de certa forma é preciso mantê-la viva na memória. Os materiais recolhidos nos diferentes tempos e espaços podem ajudar a recontar a história e a fazê-lo a contrapelo.” (BENJAMIN, 1987) (MORAIS, 2011, p 151).

Com a nossa amiga/professora tecelã aprendemos que inventariar o passado e o presente, trazendo à presença experiências, vivências, processos e ações de sujeitxs “clandestinxs”, isto é, cujas invenções e produções ficam na privacidade dos cotidianos... inventariar essas preciosidades é pluralizar discursos, modos de narrar e dizer a escola, as crianças das classes populares, os outros (“a diversidade”) negadxs, violadxs, silenciadxs, vilipendiadxs.

Bem ao modo da teoria narrativa (RICOEUR, 2010), Jacqueline nos lembra que narrar espicha o mundo e seus possíveis e que, ao entrar em contato com narrativas de tudo o que não somos, não sabemos, não conhecemos nem experimentamos, podemos narrativamente nos descompor e recompor, deslocando-nos e tornando-nos outros de nós mesmxs: narrar produz presença e existência!

Por isso, recolher narrativas docentes de professorxs, fosse em formação inicial ou em formação continuada, na universidade ou na escola básica, alimentando o diálogo entre as duas instâncias, no Brasil ou no México, Peru, Colômbia, para ajudar a contar uma história da educação a contrapelo, tendo xs docentes como

protagonistas, era um caminho para tecer redes de *(re)existência* aos projetos antidemocráticos experienciados recentemente na América Latina e, em especial, no Brasil.

De alguma maneira, em suas andanças e aventuras formativas, Jack foi tecendo e recolhendo fortunas, experiências que davam e dão a pensar, compartilhando em suas redes de amizade e afetos muitas dessas aventuras... Os movimentos das redes e coletivos de formação docente na América Latina e as Expedições Pedagógicas na Colômbia que Jacqueline nos apresentou, junto com outras amigas como Carmen Sanches Sampaio e Maria Tereza Goudard Tavares, nos falam de uma potência que já é, de uma força que já está, de modo que não se trata de ir ao encontro dessas redes para salvar, iluminar ou dar voz. Não se trata disso! Trata-se de estar junto, fazer e viver com o outro, escutar falar, partilhar, formar-se e investigar coletivamente. Uma estética da rede, da compartilha, da conversação.

Em seu diário de pesquisa, Jack nos brinda com um pequeno recorte da sua arte de tecer:

Rio,

início este que pretendo que seja meu diário de pesquisa. Escrito à mão, de modo artesanal, como provavelmente defenderia Walter Benjamin. Estou desacostumada a escrever manualmente. O pulso dói, sem muita posição. Sinto medo de errar e não poder acrescentar uma linha entre uma frase e outra. A caneta marca o papel, tornando imóvel as letras e os pontos. Vou, portanto, ter que reaprender a lidar com a escrita não como reescrita, não como rascunho, mas como permanência. Ou aprenderei a criar outras formas de impermanência? (Caderno de Jacqueline, 2016).

Talvez a escrita não tenha nada de permanente... Talvez se transforme no tempo e espaço de sua leitura, no contexto, consoante o olhar de quem lê. Hoje, ao ler novamente textos e escritos de Jacqueline, eles não soam como antes, não emitem nem enunciam como antes. Suas palavras soam com afetações, emocionalidades problematizadoras, convites afetivos, memórias irreverentes, sorriso aberto e unhas longas e vermelhas.

Grávido de memórias e lembranças, este pequeno texto-homenagem resgata igualmente uma outra experiência amorosa de parceria construída em São Gonçalo,

nos últimos oito anos, nos movimentos que levaram ao encontro de nossos pares latinoamericanos, com o coletivo *Redes Docentes que Estudam e Narram sobre Infância, Alfabetização, Leitura e Escrita* (REDEALE). Nesse enredamento de redes, erguemos nossas vozes e corpos contra toda forma e ditame contra nossa autoria de fala e pensamento! Nossa liberdade de criação e invenção!

Nas experiências compartilhadas com docentes no México, no Peru, na Argentina e na Colômbia nos “Encuentros Iberoamericanos de Coletivos e Redes de Maestros y Maestras que hacen investigacion e innovación desde su escuela y comunidad”, com o coletivo REDEALE, fomos conhecendo “a escola no plural – que emerge desde a cotidianidade dos saberes, dos desejos e das buscas dos que nela atuam ” (BERNAL, 2010: 2). Saberes e fazeres pedagógicos construídos/vividos em diferentes tempos e lugares, alimentados em coletivos docentes que nos ensinaram que *tenemos que seguir luchando para que en América Latina las reformas neoliberales no perduren para siempre*.

Como nos ensina Freire, reafirmando o compromisso político-pedagógico com a construção de uma escola pública de qualidade e por uma sociedade latino-americana mais justa, seguimos em frente nessa luta, chamando: Jacqueline Morais, presente!

Sua presença entre nós se dá de muitas formas, mas sobretudo pela negação inegociável da culpabilização dos sujeitos pelas violências a que são submetidxs. Não aceitamos que a culpa pela fome seja do famintx, que a culpa pelo estupro seja da mulher, que a culpa do racismo seja do negrx, da não aprendizagem seja da criança, da não ensinagem seja dx professorx... Jack nos convidou e convidava, sempre, a mergulhar nas perguntas, sempre perguntas... Espichar nossas compreensões, desconfiando delas a cada passo, de modo a desestruturar nossos preconceitos e verdades cristalizadas. Seu legado foi o da política da amizade e da solidariedade, motivo pelo qual, quiçá, as redes eram tão importantes para ela, assim como a ajuda...

As ações de Jacqueline, professora tecelã, nos recordam, com insistência: neste mundo tão desigual em que vivemos, talvez não se trate de mérito ou esforço pessoal. A meritocracia é uma imagem que pode acalantar diante da crueza e dureza das relações de subalternidade e desigualdade que ela mesma obnubila; no entanto, como pensar em qualquer possível meritocracia em um mundo onde poucxs dormem segurxs, agasalhadxs e alimentadxs, enquanto tantxs habitam as ruas, cidades bombardeadas, bairros entregues ao descaso público e à violência? Onde umxs se

formam através de idas a museus, espetáculos, teatros, viagens nacionais e internacionais, em escolas bilíngues, trílíngues, enquanto outrxs lutam cotidianamente para não serem aniquiladxs pela cor de sua pele, pelo sexo da pessoa amada, pela ausência de um teto sob o qual dormir, pelo gênero com o qual se identificam, pela fome, pela miséria, pelo preconceito, pela repressão, pelo pensamento único, pelo desejo de mesmidade e/ou por governos totalitários, (neo)liberais e/ou conservadores?

Não há meritocracia na sobrevivência aos pesados ataques de um mundo desigual, ao esmagamento cotidiano de direitos, à negação reiterada de conquistas sociais, a um mundo que culpa x miserável pela miséria e x pobre pela pobreza. O que há, para além dos esforços dos corpos, do suor e do sangue, é força, solidariedade, cooperação e resistência (RIBEIRO, 2019)! Para cada sujeito que consegue dobrar, com muita solidariedade, luta e cooperação, a própria existência e decepcionar a realização de futuros pré-fabricados e reservados, uma multidão de outrxs sujeitos – invisíveis, comuns, cotidianxs, sujeitos de carne e osso – precisou apoiar, ajudar, compartilhar e, muitas vezes, abdicar de sua própria oportunidade...

Cada umx que faz do futuro anunciado e da vida esperada algo outro; borra um quadro já pintado, plasma outras cores, tonalidades; abre uma pequena fresta no mundo e na nossa história coletiva – de nossa família, nosso bairro, nossa ancestralidade. Umx filhx negrx de mulher negra nordestina retirante e analfabeta entrar na universidade é uma forma também de fazer entrarem histórias, narrativas, corpos, gestos que falam muito mais de uma política de sobrevivência pela amizade e pela cooperação do que pela meritocracia, por exemplo.

A entrada das classes populares no Ensino Superior, uma bandeira de luta e de vida de Jacqueline, afora todos os problemas de acesso e permanência que existem, abre um possível, por menor e improvável que seja, de conquista e ocupação de lugares outros. É que a escola, além de possível espaço de reprodução, é também de suspensão, de criação e invenção: o que nos escapa? O que não somos capazes de ver/ compreender/ perceber/ criar nela? Até que ponto nossa forma de enxergar a escola, muitas vezes pouco generosa, não é produto de um processo de negação de sua potência, para além do que ela possivelmente reforça e reproduz?

Jack nos convida a olhar com atenção, sentir, escutar e des-aprender com estxs sujeitos comuns, de carne e osso, que tecem compartilhadamente a educação e as

redes de formação a cada dia, com seus corpos, vozes, esperanças e irreverências. Por que não?

Outros fios (entre infindáveis fios) de uma homenagem: cartas para Jack

Jacqueline era mulher da palavra escrita – e também oral. Gostava mesmo era de palavras e uma boa conversa. Deleitava-se com leituras literárias, acadêmicas, de autoajuda (e aqui ela nos repreenderia com as sobrancelhas alarmadas, para logo gargalhar e dar-se por vencida: gostava de uma “pendenga” que resultasse em risos ao final), santinhos distribuídos em semáforos... Lia de tudo (até bula de remédio, acreditem! Com os óculos de grau para perto, que costumava esconder!).

Se a palavra escrita a convidava, a oralidade lhe atravessava. Nos coletivos docentes, nas rodas de conversas entre professorxs, nas partilhas de experiências com estudantes... A todo momento, Jack e sua insistência pela narrativa e pelo compartilhar nos indiciavam outros modos de ser e estar na academia, na formação, com a consecutiva compreensão (inegociável!) de que o reconhecimento dx outro é condição e não objetivo nos processos de formação.

Em seu compromisso ético e político com uma educação de qualidade social para todxs e qualquer umx e por uma formação em que cada umx pudesse ser enxergadx como potência, lembrava e lembra, em sua presença em nós, que, se não existe meritocracia, existe, sim, a importância das redes de solidariedade e amizade e, igualmente, das políticas públicas afirmativas e inclusivas: há políticas que abrem e outras que fecham possibilidades de acesso e permanência no ensino superior, por exemplo, negando a tantos sujeitos a formação em nível acadêmico, principalmente axs mais pobres. Por isso gritava, com toda a força, nas ruas, com o corpo e a voz, contra uma prisão tão canhestra e aviltante com a qual, mais que uma pessoa, aprisionam-se sonhos e esperanças por um projeto de Brasil democrático e menos desigual.

Jack nos ajuda a ver que essa sorte de coisa também se combate no miúdo das relações, nas gestualidades, com gestos que reconhecem, enxergam, recebem x outro. Sua memória nos invita a nos distanciar um pouco da intenção e semear uma determinada dose de atenção, isto é, dispormo-nos a ver o que passa, o que acontece, o que irrompe como força/ presença nos cotidianos, nas vidas das pessoas. O que aquilo que já acontece, que faz parte da experiência de vida das pessoas tem a nos

ensinar, dar a pensar? A isso nos convidava com seu olhar e sua postura problematizadora (às vezes até demais...).

Assumindo a compreensão de que as narrativas podem nos ajudar a ver com o corpo todo, com todos os sentidos, compartilhamos alguns relatos/ mensagens escritas por amigxs, em modo de homenagem à presença viva, pulsante, irreverente e alegre de Jacqueline e sua pedagogia em nós... Porque nenhuma palavra nossa poderia dizer mais do que o afeto impresso nas mensagens que seguem... Acreditamos que o afeto é uma narrativa de intensidade imensurável e indescritível; uma experiência: não se pode narrá-lo, senão suas impressões e afetações em nós...

São Gonçalo, 17 de setembro de 2019

Querida Jac,

Hoje foi um dia daqueles que ia te dar orgulho, sabe!? Totalmente dedicado à pesquisa e querendo ser a melhor que posso só para ouvir você falar que Mairce iria ficar feliz comigo. E como pesquisar, escrever, narrar, investigar, lembrar minha história de vida, sem lembrar de você? Impossível! Você está na minha pesquisa, é parte dela, escrevo também sobre você. Sendo assim, hoje foi um dia que passei com você e estou feliz por isso. Estar com alguém não necessariamente é ocupar o mesmo espaço. Tem tanta gente perto que está tão distante. Estar com alguém é ter esse alguém por dentro, preenchendo o coração...

Demorei um pouco para permitir sair as palavras, porque assim como o poeta, estou preferindo ser lida pelas pedras, porque as palavras me escondem sem cuidado. Se sairão todas as palavras? Jamais daria conta de findá-las, por ora, esboço apenas aquelas que precisam transbordar. Há as pessoas que concordam com a ideia que diz que o que a memória amou fica eterno. Começo a discordar, pois, por vezes, quero deseternizar algumas memórias. Farei isso, matando algumas palavras.

Retomando o nosso encontro de hoje, obrigada por me permitir a sua companhia. Foi bom estar com você, mas em breve estaremos perto novamente, é só você terminar essas férias que resolveu tirar em pleno ano letivo. Você está mudada, hein! Bom, minha querida, pode até ser em meio a uma lágrima ou outra que escolho essas palavras para registrar o que você talvez chamaria de diário, mas tenha certeza que minhas lágrimas são de alegria, gratidão pela sua vida e orgulho que estou de você

por ser essa mulher forte, guerreira e que a cada dia me ensina que, apesar de tudo, vale a pena seguir em frente.

Força Jac, estamos fortes aqui também, mas não se demore, pois estou com saudades até de ouvir seus diálogos acalorados com Mairce. Por ora fico por aqui com essas linhas escritas que ajudaram a transbordar meu eu em palavras.

Carinhosamente,

Danusa Tederiche

Niterói, 29 de setembro de 2019

Oi Jacque,

Venho te dizer que mesmo com a distância física encontro contigo diariamente, pois acredito que a escrita é uma maneira de estar perto e, sempre que leio minha dissertação, lembro-me de você e do quanto estamos envolvidas com o projeto que vem sendo construído por nós.

Palavras de fé, esperança e amor nos impulsionam para a vida e é por isso que escrevo, para que você saiba que estou firme e confiante na sua recuperação. Você está sendo um grande exemplo de perseverança e paixão pela vida. Quanta coragem está demonstrando ter!

Reafirmo a importância que você tem em minha vida. Tudo que construímos ultrapassa os muros da Universidade. Confesso que estou bastante preocupada contigo, com sua saúde e que tenho rezado bastante por você, pela sua plena recuperação. Tenho aprendido que “viajar” pela vida é isso, é termos força para superar os desafios que surgem, acreditando que podemos vencer nossas limitações.

Jacque, me despeço preparando uma nova carta para você, caso goste dessa... rrsr... brincadeirinha... me despeço com um trecho do livro “Os cinco sentidos”, de Bartolomeu Campos de Queirós, trecho que escolhi hoje para iniciar a semana com meus pequenos... Estamos com um projeto sobre o corpo humano e com GPALÉ; aprendi a cantar poesia com as crianças na escola...

Audição

Bartolomeu Campos de Queirós

Com os ouvidos nós escutamos

o silêncio do mundo.

E dentro do silêncio moram todos os sons:

canto, choro, riso, lamento.

No silêncio vivem barulhos

de vento e chuva, de asa e mergulho.
É preciso o silêncio para poder escutar.
E quando uma voz invade nossos ouvidos,
adivinhamos a felicidade de quem fala.
Nossos ouvidos leem o tom das vozes.
E o ruído do voo das abelhas
adoça o nosso dia.
Se escutamos música,
nosso corpo descansa com a melodia das notas.
Se ficamos em repouso
e prestamos sentido aos ruídos,
nosso pensamento viaja.
Visita montanha e planície,
primavera e verão.
Escutar também é um jeito de ver.
Quando nós escutamos,
imaginamos distâncias,
construímos histórias,
desvendemos novas paisagens.
Os ouvidos têm raízes pelo corpo inteiro.

*Beijos, e um abraço bem apertado,
Com carinho, Isabele.*

*Querida Jacque,
Que saudades sinto de você! A sensação que tenho é de que foi fazer uma viagem e logo chegará com aquelas lembrancinhas lindas e coloridas, que fazia questão de trazer para cada amigão seu! Marcava encontros para nos entregar... nos abraçar com seu sorriso largo fazendo festa. Ainda sinto tristeza por tua despedida, mas aprendi a aceitar! Sei o quanto teu espírito era livre, desprendido, corajoso! Gostavas de viajar, de descobrir novos lugares, de questionar os mistérios da vida e, portanto, sinto que a tua missão continua em outro plano, ensinando aprendendo com outros companheiros de jornada. Tenho muita gratidão por ter sido minha*

orientadora, sempre brincávamos que nutríamos uma relação amor-ódio. Tudo farsa! Foi sempre amor! Só amor, respeito e gratidão. E a beleza do tempo foi nos tornar grandes amigas. O que posso dizer é que hoje sou melhor pessoa e professora pesquisadora. Melhor porque você atravessou a minha história! Sua presença física faz falta, é verdade, mas como diz a poetisa Adelia Prado, “O que a memória ama, fica eterno. Te amo com a memória, imperecível.”

Jacqueline é reconhecida como uma professora cuja vida profissional foi dedicada a formação de professorxs, ajudando-xs a construírem práticas educativas e alfabetizadoras mais significativas, amorosas e inclusivas a estudantes das classes populares. Conhecida por suas exigências de orientação e suas perguntas desestabilizadoras, foi uma pesquisadora que nos ensinou que a militância pela educação pública, gratuita, laica e política não cabe apenas nos textos e nas pesquisas que produzimos, tampouco somente nas redes sociais, mas principalmente deve transbordar nas ruas, nos gritos por justiça, na resistência diante da intimidação e da repressão política e militar quando ameaçam destruir a educação pública e a democracia. Sempre nos ensinou a defender e a optar por elas. Minha imensa gratidão por ter atravessado a minha vida como orientadora e amiga!

Aline Gomes da Silva

Jack foi e é uma gigante. Sua presença espichava os demais... Ler as mensagens para ela nos emociona. Traz lembranças vivas de uma presença que arde no peito. Sua desobediente presença no mundo, na formação e na pesquisa incitam perguntas que abrem o mundo. Jacqueline era tecelã; tecia redes com a velocidade com que destecia certezas. Gostava de jogar no oceano de dúvidas aqueles cujas posições já pareciam rocha endurecida:

O QUE AINDA MERECE A PENA SER DITO?

Maestra tecelã...

Jacque tecia?

Jacque era muito ruim para tarefas manuais... mas,

Tecia textos...

Texto...

Préstamo (s. XIV) del latín *textum* ‘tejido’... De la familia etimológica de *tejer* (V.).

Era uma criadora de palavras andantes,
por isso criou o FALE com Mairce.
De palavras como gestos coletivos,
por isso peitou a coordenação do programa junto comigo.
De palavras infantis,
De palavras pequenas,
De palavras chatas,
De palavras de ordem,
De palavras de força políticas,
De mirada de palavra,
De unhas de palavra,
De sonhos de palavra que nunca lembrava...
Jacque do princípio ao fim teceu palavras...
E nos primeiros e nos últimos dias juntas: ela escreveu...

Como personagem de um micro-relato de Galeano sobre Pepe Mujica, nos disse a cada um de nós aquilo que ela desejava dizer: com os olhos, com as mãos, sempre escrevendo...

Jacque Texto,

Jacque professora,

Jacque, A DE ALMA OAXAQUENA... sem dúvida a terra deve a ter acolhido, é uma terra cheia de mulheres com tranças, tecedoras de huipiles.

Adriana, a irmã da Jacque, me deu esse huipil dela.

Um huipil é um tecido...

CUANDO UNA MUJER DE CHIAPAS SE PONE UN HUIPIL CEREMONIAL, AUTOMÁTICAMENTE CREA ALREDEDOR DE SU CUERPO UN ESPACIO SAGRADO, UN AMBITO DE EXCEPCIÓN DONDE ES POSIBLE LA ECTURA INTENSA DE UNA COMPOSICIÓN DE IMÁGENES BORDADAS. COMPOSICIÓN MEDIDA, COMO LA POESIA. HABLAR DE POESIA, PARA ESTAS MUJERES, ES HABLAR DE LAS “CANCIONES TEJIDAS” DE LOS BORDADOS DE PALABRAS QUE CREAN ESE ESPACIO DONDE SURGE LO SAGRADO EN EL MEDIO DE LAS COSAS DE TODOS LOS DIAS (in:

<https://www.revistadelauniversidad.mx/storage/7de7cd12-3ec2-4407-9212-2945dd20f9c5.pdf>)

O de todos os dias...

Vir pra FFP...

Dar aulas...

Participar alegremente de todas as atividades... inclusive as mais desinteressantes...

Ler textos...

Rabiscar produções dos alunos...

Comer pipoca do tio...

Comer coxinha na cantina...

Organizar a sucupira comigo e com marquinhos...

Aguentar uma greve firmes e fortes em 2016...

Organizar aulas públicas...

Produzir foros com estudantes...

Não deixar cair a peteca...

Resistir 2017..

Ocupar as ruas...

Ir à Assembleia da Asduerj...

Ir à manifestação em defesa da escola pública...

Compartilhar trocados...

Perguntar se necessita uma força...

Falar com Ana Santiago.

Ligar para Mariza.

Ver com Odimar.

Mandar projeto de doutorado pra CAPES no meio da tormenta...

Ver Lula ser preso injustamente...

Gritar Lula livre em cada aniversário...

Levar o convidado ao aeroporto...

Ir ao cinema...

Ir à última exposição...

A FFP inteira com Jacque criando um tecido com outros...

A FFP como HUIPIL MEXICANO EM JACQUE: ESPACIO DONDE SURGE LO SAGRADO EN EL MEDIO DE LAS COSAS DE TODOS LOS DIAS.

Eu tive a sorte de tecer com Jacqueline parte desse huipil, desse texto... foi a FFP que me deu essa sorte. O huipil FFP que diz de todos nós... entre nós. Contra toda barbárie! Ô sorte!

Anelice Ribetto

Há que terminar. Precisamos terminar de alguma maneira, com algum tom de consideração final ou fechamento. Acontece que um texto, pensamos, não tem um fim. Como a vida e como a amizade, um texto é abertura pura: contingência. Uma navalha que continua a cortar devagarzinho, com a tênue, porém insistente pressão contra a pele. O som cuja presença no corpo ainda soa e ressoa, indiscriminadamente... O amor, a paixão, a raiva contra as injustiças e violências, estatais ou não. Um texto são tantas coisas... E encontros.

Este texto é um re-encontro com memórias que nos mobilizam, nos emocionam. Nos mexidos da memória, um achado: um poema de 2011, de quando ainda era, Tiago, estudante de graduação. Conheceu Jacqueline em um FALE na UNIRIO, nos idos de 2008. Nas mãos de unhas vermelhas de Jack, suspenso no ar, enquanto lia/contava a história, estava o livro “A moça tecelã”. Foi paixão à primeira vista, a qual resultou num poema escrito numa tarde quente e cheia de brisa, numa cidade do interior da Paraíba chamada Ingá, onde as cigarras e libélulas costumam fazer longas, sonoras e coloridas apresentações:

Caminho

Tiago Ribeiro

À Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes

No limiar do caminho libélulas fazem piruetas

Sacudindo o dia que se remexe frouxo.

Sob o mormaço do sol que invade os dias e as gentes

Não há o que não seja já diferente do que é –

Nem o voo das libélulas.

Ao longo do caminho paralelepípedos estalam mudos,
Indiferentes à revoada que acontece sobre si –
Revoada pirotécnica, circense, informatável:
É que cada voo aponta para múltiplos caminhos sem entrada nem saída: apenas meio.
As libélulas em seus voos só encontram meios de passagem!

Por desenharem o caminho já não mais o sabem!
E refazem-no, repetem-no, reinventam-no:
Em vão.
A necessidade de controle é de um descontrole que desbota os movimentos –
E então as libélulas voam em pseudo-círculos –
Confundidas?

Ah, mas voam!
E com o voo de muitos meios inventam a manhã,
Inauguram o dia – seu dia!
Sob o sol que amorna as gentes e estala as pedras,
Elas são um exército invisível que visibiliza o outrora não visto:
Num simples farfalhar de asas, num tremeluzente voo tímido, num quase imperceptível movimento...
Reside a felicidade (?)...
Desde o limiar do caminho onde as libélulas fazem piruetas.

Hoje Jack voa livre como as libélulas, a cirandar, em algum lugar, rodas de sabedorias, perguntas, encontros, afetos, amores... Porque “tecer era tudo o que sabia. Tecer era tudo o que sabia fazer”... Fios de amizade que seguem colorindo redes e urdiduras mundo afora.

Referências

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- BERNAL, M. P. U. Expedição pedagógica. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM
- MORAIS, J. F. S. Expedição pedagógica: estratégia de formação docente em contexto latino americano. In: TAVARES, Maria T. G; BRAGANÇA, I. F. S. (Org.). *Vozes da Educação 20 anos: memórias, políticas e formação docente*. Niterói: Intertexto, 2016.
- PRADO, G. V. T.; MORAIS, J. F. S. Inventário: organizando os achados de uma pesquisa. Revista *Entrever*. N.1, v.1, 2011.
- RIBEIRO, T. *Por uma alfabetização sem cartilha: narrativas e experiências compartilhadas no Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita da UNIRIO*. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) – Escola de Educação, UNIRIO. Rio de Janeiro, p. 200. 2019.
- RICOUER, P. *Tempo e Narrativa 2: A configuração do tempo na narrativa de ficção*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Mairce Araújo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Faculdade de Formação de Professores
(UERJ/ FFP)
E-mail: mairce@hotmail.com

Tiago Ribeiro
Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)
Universidad Nacional de Rosario (UNR)
E-mail: tribeiro.ines@gmail.com